

Família e escola nas dinâmicas relacionais da Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD).

Everson Araujo NAUROSKI¹

Paula Mitsuyo Yamasaki SAKAGUTI²

Resumo

O objetivo desse estudo é apresentar uma reflexão sobre a pessoa com altas habilidades/superdotação (PAH/SD) e alguns aspectos que envolvem esses indivíduos no ambiente familiar e escolar. Ao longo do texto será analisado algumas das dificuldades mais comuns que se apresentam nas famílias e nas escolas, com destaque para a persistência dos mitos sociais em torno do fenômeno da superdotação e dos

¹Graduação em filosofia, sociologia e pedagogia. Doutorado e pós-doutorado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Docente, pesquisador e coordenador do curso de Sociologia do centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: eversonnauroski@gmail.com.

² Graduação em pedagogia, especialização em educação especial, mestrado e doutorado em educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é docente e coordenadora do curso de Licenciatura em Educação Especial do Centro Universitario Internacional Uninter. E-mail: paula.s@uninter.com.

obstáculos que esses mitos representam para a realização de práticas efetivas de inclusão no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação especial. Superdotação. Mitos sociais.

O processo de socialização que se desenvolve inicialmente no ambiente familiar é marcado por uma conjuntura desafiadora. Sobre o quanto pode ser difícil e problemático o desenvolvimento humano, o psiquiatra e neuropediatra, Donald Winnicott (2005) chamava a atenção para duas possibilidades. Tudo que deveria acontecer no desenvolvimento de uma criança, mas não acontece, ou ainda, o que deveria ocorrer, mas não ocorre, pelo menos não do modo mais adequado ao seu desenvolvimento.

No primeiro caso, existe um amplo espectro de possibilidades, desde situações abusivas e formas diversas de negligências. Todas com potencial danoso ao desenvolvimento, inclusive com sequelas que podem se estender ao longo da vida dos indivíduos, se manifestando em condutas socialmente indesejáveis. É possível, que em algumas situações, o próprio fenômeno da superdotação seja visto como um problema, marcado por vivências negativas. Como veremos ao longo do texto, não é incomum que crianças com altas habilidades sejam

negligenciadas, ou mesmo sofram preconceito e discriminação, as vezes por parte da própria escola e professores. Ainda falta muito para que as políticas de inclusão sejam efetivas e universais.

A outra possibilidade assinalada por Winnicott, é que o deveria acontecer e não acontece. Nessa categoria, também bastante ampla, figuram todas as situações que dizem respeito a necessidade de acolhimento, amor e cuidado, condições que deveriam estar presentes nas diferentes fases do desenvolvimento humano, mas que por fatores diversos, não acontecem. Quantas crianças, e mesmo, as que possuem algum tipo de deficiência, que precisariam contar com pais ou cuidadores atentos, relações afetivas positivas e estáveis, acesso a abrigo e alimento, receber estímulos e recursos ao seu desenvolvimento não podem contar com esses elementos. Seja como for, os dois caminhos trazem riscos e podem comprometer o desenvolvimento de jovens e crianças, principalmente das que possuem alguma deficiência. Precisamos lembrar, que não são raros os casos em que crianças com altas habilidades são vistas sob o olhar da negatividade, por serem diferentes, com perfil destoante do comportamento usual, tidas como “estranhas”, “esquisitas” ou simplesmente rotuladas de “problemáticas”.

A reflexão apresentada nesse texto, se propõe a analisar o fenômeno da superdotação e dos mitos que o envolvem. Como veremos, a compreensão social e pedagógica desse fenômeno é fundamental para que as famílias possam ser auxiliadas em seu trabalho de educação e acompanhamento, bem como da escola em lidar com alunos com altas habilidades visando garantir que seu desenvolvimento cognitivo e emocional possa transcorrer da melhor maneira possível.

É reconhecido que ambiente familiar é o primeiro espaço inclusivo de quaisquer crianças, e não difere na criança com Altas Habilidades/Superdotação. Assim como esta criança, que faz parte do público-alvo da Educação Especial, a família também vivencia o impacto da descoberta da superdotação durante o percurso do desenvolvimento pelo qual são reconhecidas as diferenças apresentadas pelo filho. Outrossim, May (2000) destaca que as crianças com necessidades educacionais especiais são, de modo geral, significativamente diferentes da norma. Tal situação não é diferente com a família da criança superdotada.

Pais e familiares vão percebendo, desde tenra idade as diferentes peculiaridades em seus filhos com relação às outras crianças, temendo que a educação que recebem não esteja de acordo com as suas necessidades (ALONSO, 2006). Muitas vezes, os pais vivenciam o

drama de verem seus filhos sem o devido atendimento especializado, somado a uma sensação de impotência por não proverem o suficiente.

As concepções parentais sobre o papel que exercem como pais e mães de crianças superdotadas e o modo como interpretam a manifestação dos comportamentos desta condição de ser poderão repercutir no atendimento adequado às demandas específicas de seus filhos. Desta feita, para Solow (2001), tais concepções podem afetar as interpretações parentais em relação às características e comportamentos manifestados pelos mesmos, bem como podem influenciá-los em suas reações. Neste processo, é de fundamental importância que os pais encontrem, na escola e na sociedade em geral, uma rede de apoio para beneficiar o potencial do filho.

Pais que possuem conhecimento e recebem algum tipo de apoio podem ter maiores condições de beneficiar o processo educacional de suas crianças. Este fator está atrelado ao sistema de valores, rede de crenças dos pais como também à necessidade do conhecimento da área para a desmitificação do pensamento a respeito dos comportamentos apresentados pelas crianças e jovens especiais. Sobre isto, Solow (2001) destaca que pais com maior conhecimento sobre as características sociais e emocionais da superdotação, apresentam respostas mais

adequadas aos comportamentos apresentados pelos filhos superdotados.

Cabe aos professores da Educação Especial e especialistas da área de superdotação informar e orientar sobre o reconhecimento, a identificação e o atendimento às necessidades específicas da Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD), contribuindo para a realização plena de suas diversas necessidades.

Constata-se que os indicadores de AH/SD nas pessoas que apresentam este comportamento são claros e podem ser facilmente identificados por profissionais preparados para isso, mas existem fatores que impedem o seu reconhecimento e atendimento na sala de aula ou em outros ambientes sociais ou laborais. Um desses fatores é o desconhecimento e a falta de valorização (ou a supervalorização) das características e comportamentos destas pessoas, o que implica a negação de suas necessidades enquanto sujeitos aprendentes, que juntamente com os mitos populares existentes numa sociedade que procura a “normalidade” e a regra, geram preconceitos que se refletem em todo o ambiente no qual a PAH/SD vive (PÉREZ, 2008, p. 1-2).

Nas palavras de Vieira (2005), identificar é promover a identidade de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Esta identificação está relacionada à definição de Altas

Habilidades/Superdotação (ALENCAR; FLEITH, 2001). Embora este grupo frequente o ensino comum, desde o início de sua escolarização, não se pode afirmar que esteja recebendo o atendimento educacional especializado. Mesmo com a definição de Altas Habilidades/Superdotação que vem se ampliando significativamente nas políticas educacionais e com o atendimento previsto por lei, observa-se resistência por parte de muitos professores à inclusão deste alunado na sala de aula comum.

Uma das controvérsias e mal-entendidos que pode interferir sobre os pais e à própria criança superdotada, refere-se aos mitos presentes na cultura escolar e social que interferem no reconhecimento e na identificação desta criança da Educação Especial. Observa-se que há, na cultura escolar, uma forte incidência de mitos em relação aos alunos superdotados.

Os mitos são construções grupais, representações que os grupos humanos constroem para dar conta do desconhecido, do não-conhecido, na tentativa de determinar o indeterminável e para encobrir a angústia do desconhecimento, graças a essa representação imaginária (FERNÁNDEZ, 1994, p. 22).

Fernández (1994) considera que há mitos que são representações construídas por determinadas culturas e outros que são construídos por um grupo familiar, no transcorrer de uma geração. Desta forma, em cada família será conhecido um mito ou vários mitos do que é a superdotação, o que é ser superdotado; e essas ideias podem ser similares, ou não, às que são transmitidas pela cultura.

Especialistas da área de superdotação (Alencar; Fleith, 2001; Guenther, 2006; Pérez, 2003; Rech; Freitas, 2006) salientam que, apesar dos avanços nas pesquisas, a problemática dos mitos e ideias preconceituosas e equivocadas presentes em nosso meio constituem uma das barreiras no reconhecimento, na identificação, na valorização do sujeito e de seu devido atendimento educacional especializado. Para reverter a supremacia dos mitos presentes em nossa cultura é preciso trabalhar em sua desconstrução a partir do conhecimento e saberes científicos (FERNÁNDEZ, 1994).

Pérez enfatiza (2008) que alunos com Altas Habilidades/Superdotação sempre estiveram presentes nos bancos escolares; muitos até passaram despercebidos pelos professores no interior da sala de aula, dentro de suas próprias famílias e, inclusive, para eles próprios.

Sabe-se da necessidade de se valorizar a diversidade, não só no espaço da sala de aula, mas em todo o ambiente escolar. Guenther (2006) questiona as razões pelas quais todos os alunos devem absorver o mesmo conteúdo, da mesma forma, ao mesmo tempo e nas mesmas disciplinas.

No trabalho verdadeiramente pedagógico, cada aprendiz seria ajudado a partir do ponto em que está e caminhar da maneira que melhor responda às suas características, em direção a algo útil ao seu próprio crescimento e aperfeiçoamento pessoal (GUENTHER, 2006, p.40-41).

Cabe ressaltar que, na concepção de Pérez (2004, p. 8-9), a inclusão do aluno com Altas Habilidades/Superdotação acontecerá quando for superada, dentre outros aspectos, a concepção de inclusão que considera apenas o acesso do aluno à Educação, a falta de valorização de diferentes áreas de superdotação e a excessiva valorização das habilidades linguísticas e lógico-matemáticas no sistema escolar. Além destas barreiras, há outros que também dificultam esta inclusão: a representação social da pessoa superdotada alicerçada nas crenças e mitos, o desconhecimento das características comuns das pessoas superdotadas, negando-lhes atendimento

adequado, bem como a precariedade de serviços públicos a este segmento da população.

A organização do trabalho pedagógico, desde a Educação Infantil, deve partir dos processos capazes de oportunizar práticas pedagógicas diferenciadas que contribuam com o desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional. Para tanto, é necessário que professores da Educação Especial, professores da sala de aula comum, gestores e toda equipe escolar criem um espaço para discussão de sua prática e tomada de decisão para reverter o atual quadro da educação. Algumas escolas ainda são marcadas pela disciplinariedade que privilegia o pensamento analítico, lógico-matemático e a racionalidade, com características excludentes e discriminatórias (GERMANI; STOBÄUS, 2006).

Assim sendo, Novaes (2008) vem abordar caminhos para o desafiante papel da escola no mundo contemporâneo:

No que diz respeito às escolas, a pressão social para serem mais abertas e flexíveis nos tempos e espaços levaria a ter de repensar suas metas, objetivos, e propostas pedagógicas promovendo uma convivência criativa entre todos os seus membros, uma produção escolar divergente, sabendo aproveitar os recursos e oportunidades do contexto e comunitários no domínio do conhecimento e da informação, explorando, nas experiências, novos cenários e integrando as áreas do saber. Lembraria que “uma boa cabeça aliada a um bom coração é a aliança ideal” o

que leva a valorizar a verdade de cada um aproveitando situações de comunicação espontânea, capacidade de resolver problemas, a intuição e a percepção criativa (NOVAES, 2008, p. 84).

No contexto escolar, pelo próprio desconhecimento das características deste aluno superdotado, o professor pode sentir-se ameaçado, inseguro ou com sentimento de impotência por não conseguir responder adequadamente e compreender o domínio que o aluno apresenta em determinado assunto de sua especialidade. Por outro lado, pode até confundir-se e relacioná-lo com crianças que apresentam distúrbios de conduta, patologias ou dificuldades de aprendizagem (PÉREZ, 2008a).

Sobre a questão da identificação, Renzulli (1986) aponta que as pesquisas na área indicam que muitas pessoas, mesmo tendo um desempenho incomum, não teriam sido reconhecidas somente pelos escores de testes de Q.I., pois os mesmos não privilegiam o pensamento divergente, a imaginação e a originalidade, geralmente comum nas pessoas criativas.

Como a criança do perfil produtivo-criativo usa mais os processos de pensamento divergente, relacionado à criatividade, Pérez (2008a, p.71) explica que “[...] isto dificulta sua adaptação ao ritmo da

sala de aula e a ambientes laborais muito rígidos, nos quais geralmente se privilegiam as respostas do tipo convergente”. A autora aponta que estas crianças também fazem uso do pensamento convergente que as capacita a solucionar um problema usando o pensamento lógico. No entanto, destaca que a busca de soluções não se reduz às respostas esperadas, mas à melhor de todas as respostas possíveis.

Muitas pessoas como estas, que poderão vir a ser (ou são) grandes produtores de conhecimento, continuam sendo excluídas das e nas escolas ou sendo consideradas tolas, fracassadas, incapazes, lentas e medíocres, como foram Einstein, Newton, Rodin, Tolstoi, Jung, Mendel, Pasteur, Gauguin e tantos outros. Essas crianças e adolescentes que não tinham o ‘*rendimento acadêmico*’ esperado foram os grandes criadores de muitas das ideias que a própria escola ensina, discute e desenvolve (PÉREZ, 2008a, p.74).

Assim sendo, pode ser que algumas ideias equivocadas e imagens estereotipadas tenham sido internalizadas pelos professores e pelos próprios pais, como por exemplo, os mitos sobre a genialidade; a autossuficiência que dispensaria apoio de serviços especializados; o bom rendimento acadêmico comum em todos os superdotados, além de serem considerados antissociais e vulneráveis pelas suas emoções. Muitos professores também não concebem que um aluno identificado

como superdotado ou mesmo que aquele que frequenta um programa da Sala de Recursos Multifuncional possa ter um sub-desempenho.

Muitos são os fatores a que se podem atribuir este desempenho inferior. Tanto uma atitude negativa com relação à escola como as características do currículo e métodos utilizados (especialmente excessiva repetição de conteúdo, aulas monótonas e pouco estimuladoras, ritmo mais lento da classe) são alguns fatores responsáveis. Situação familiar insatisfatória, indiferença e rejeição por parte dos pais, além de baixas expectativas por parte do professor e pressões exercidas pelo grupo de colegas, são outros fatores que podem se relacionar ao baixo rendimento (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 94).

Neste sentido, Solow (2001) sinaliza que a cultura escolar é uma das vertentes que podem influenciar os pais dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação. A inclusão escolar deste estudante é um aspecto complexo; pois, ainda que professores e alunos atribuam sua devida importância, efetivamente apresentam dificuldades em vivenciá-la (PEREIRA, 2008).

Esta dificuldade que muitos professores enfrentam devido à falta de conhecimento sobre práticas pedagógicas estimuladoras, de organização de ambientes enriquecedores para todos os alunos,

inclusive aos alunos superdotados, apresenta-se como uma das fronteiras a serem ultrapassadas para que a inclusão escolar aconteça. Vieira (2005) destaca que a dificuldade de reconhecer e trabalhar com a diversidade de alunos justifica-se por um posicionamento binário das propostas pedagógicas que são feitas para a deficiência e infradotação, sendo que não são utilizáveis para as Altas Habilidades/Superdotação.

Apesar dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação estarem matriculados e frequentarem o ensino comum, muitas vezes, não têm suas necessidades atendidas e o contexto de ensino-aprendizagem torna-se mecânico e rotineiro, sem nenhum atrativo, contribuindo muitas vezes para o fracasso, a desmotivação e a evasão escolar (VIEIRA, 2005).

Entende-se que a atuação colaborativa entre o professor da Educação Especial que atua na Sala de Recursos, o professor da sala de aula comum e a família é de grande importância na trajetória do desenvolvimento do potencial do aluno superdotado.

Pois, conforme a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, do Ministério da Educação:

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial (BRASIL, 2008, p. 17-18).

Não basta intervir apenas no aluno, é necessário trabalhar com outros contextos de aprendizagem da criança que interferem no processo, dentre eles a família. A criança é vista como um todo nos seus diferentes contextos, nenhum programa de intervenção poderia obter sucesso se for focada apenas no aluno, havendo a necessidade de explorar diferentes formas de intervenção nos contextos de vida da aprendizagem da criança na escola e na família (GOMES; MACHADO, 2006, p. 213).

Considera-se que o papel do professor no processo da educação inclusiva é fundamental porque é por meio da reflexão sobre seus relatos de experiências em sala de aula que a escola pode repensar sua organização pedagógica com vistas ao atendimento à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber, o fenômeno que envolve a Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD), principalmente no período escolar inicial, se mostra complexo em razão dos diferentes fatores associados a sua manifestação. As primeiras dificuldades tendem a se manifestar no ambiente familiar nos processos de socialização primária. Ainda é recorrente o desconhecimento de muitas famílias em relação a como lidar com um filho com altas habilidades. Esse desconhecimento, quando acompanhado de uma conjuntura de carências e limitações de ordem social, cultura e econômica tende a ser agravado, gerando danos e sofrimento no processo de desenvolvimento da criança.

Não raro, pode acontecer que um indivíduo com superdotação tenha um diagnóstico equivocado. Muitos são tidos como autistas, por seu comportamento muitas vezes tímido e introvertido. Esse desconhecimento e despreparo, não é exclusivo das famílias. Existem relatos de casos de crianças com superdotação, que durante anos foram tratadas como autistas, fazendo com seu desenvolvimento fosse

prejudicado pela inadequação das metodologias e protocolos de atendimento.

Mesmo nas escolas, que a rigor, deveriam ter mais informações e preparo para identificar e lidar com a superdotação, também se verifica situações de erros e desinformações. Conforme analisado, os mitos que envolvem a cultura escolar em relação a superdotação ainda são muito presentes e atrapalham o correto encaminhamento do trabalho escolar. Esperar que alunos com superdotação, sejam ao mesmo tempo geniais, dinâmicos, criativos, líderes, pessoas extraordinárias em diferentes áreas e com múltiplas habilidades é no mínimo extravagante e resultado de preconceitos e desinformação. Conforme ponderado ao longo desse texto, a superdotação tende a ser muito focada e direcionada para uma ou outra área com foco restrito de algumas habilidades correspondentes. Um indivíduo que se destaque no raciocínio lógico-matemático e que tenha uma memória prodigiosa, poderá ter grande dificuldade no campo da sociabilidade e das relações subjetivas tendo dificuldade ser aceito e integrado nos grupos sociais.

O sentido das políticas e práticas de inclusão nas escolas precisa ter em mira, o quanto a persistência desses mitos representam obstáculos ao bom trabalho pedagógico e desenvolvimento das crianças com altas habilidades. O posicionamento de autores como (GERMANI;

STOBÄUS, 2006) chama a atenção para os processos de inclusão escolar, no sentido de preparar professores e colegas de turma sobre a correta compreensão desse fenômeno, e desenvolver formas adequadas de trabalho e interação. Tais cuidados e medidas visão garantir que as práticas inclusivas no ambiente escolar, cumpram seu papel de acolhimento, apoio, estímulo e respeito a identidade e características que acompanham as crianças com altas habilidades.

O trabalho dos professores que recebam formação especializada para atuar na educação especial dentro das escolas, representa o ideal de um projeto de educação que possa aproveitar todo o potencial dessas crianças e jovens maravilhosos, contribuindo para que suas notáveis características e habilidades possam se converter em mola propulsora ao seu desenvolvimento e não em causa de exclusão e sofrimento. No limite, o bom trabalho desenvolvido[do nas escolas irá auxiliar positivamente as famílias que tenham maiores dificuldades em lidar com seus filhos com superdotação. Essa conjugação de esforços entre escola e família, irá contribuir para que a sociedade como um todo possa se beneficiar com o potencial extraordinário dessas pessoas.

REFÊRENCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2001.

ALONSO, J.A. **Adaptación escolar y social**. In: Revista IDEAcción, n. 25, 2006, Valladolid, Espanha, p. 184-198.

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1994

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> Acesso em: 30/09/09.

GERMANI, L.M.B.; STOBÄUS, C.D. A intervenção centrada na família e na escola: prática de atendimento à criança com Altas Habilidades/Superdotação. In: FREITAS, S. N. (Org.) **Educação e**

Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006, p. 127-150.

GOMES, M. C.; MACHADO, D. **Programa Porta Aberta: enquadramento na realidade portuguesa.** Revista IDEAcción, n. 25, 2006, Valladolid, Espanha, p. 208-214.

GUENTHER, Z. C. **Capacidade e Talento – Um programa para a Escola.** São Paulo: EPU, 2006.

NOVAES, M. H. **Paradoxos contemporâneos.** Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PÉREZ, S. G. P. B. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta.** 230 p.: il. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2008^a

RECH, A.J.D.; FREITAS, S.N. Uma revisão bibliográfica sobre os mitos que envolvem as pessoas com altas habilidades. In: FREITAS, S.N. (Org.) **Educação e 122 Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

RENZULLI, J. S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos.

Trad. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Revista Educação, Porto Alegre-RS, n. 1 (52), p.76-131, jan./abr., ano XXVII, 2004.

SOLOW, R. Parents' conceptions of giftedness. Gifted Child Today. v. 24, p. 14-22, 2001.

VIEIRA, N. J. W. “Viagem a Mojave-Óki!” Uma alternativa na identificação das altas habilidades/superdotação na educação infantil. 2005. 228p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WINNICOTT, D. W., A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes. 2005.